

Monitor

MERCANTIL

Rio de Janeiro, terça-feira, 13 de abril de 2004

Superávit externo não evita que dívida pública cresça

O Brasil registrou em 2003 o primeiro superávit das contas externas desde 1992. Mas o saldo de US\$ 4,051 bilhões em transações correntes – soma das balanças comercial e de serviços e da remessa de divisas – não impediu que a dívida pública externa crescesse 13,9%. Nem que a interna saltasse de 55,5% para 58,1% do PIB, apesar da apreciação do real de 19,33%.

Diante dos números, o economista Maurício Dias David adverte que qualquer aquecimento da economia causará aumento das importações e das remessas de lucros e royalties de multinacionais aqui instaladas: “É a expressão mais flagrante de nossa vulnerabilidade externa.

Quando a economia cresce, pressiona o balanço de pagamentos”, critica David, do Conselho Editorial do MM.

Para ele, as exportações são insuficientes para reduzir a vulnerabilidade da economia. E salienta que o controle da inflação por juros altos fica prejudicado pela pressão dos preços de commodities e tarifas públicas dolarizadas.

Marcelo Henriques de Brito, autor do livro *Crise e Prosperidade Comercial, Financeira e Política* (Probatas) cita o recente reajuste da tarifas de energia acima da inflação para destacar que a variação cambial é um parâmetro mais importante do que a inflação nos reajustes de preços. *Página 3*

Royalties e licenças (receita e despesa após o Plano Real) Em US\$ milhões

Ano	Receita	Despesa	Saldo
1994	19,0	238,6	219,6
1995	32,0	535,4	533,4
1996	85,4	840,0	754,6
1997	102,0	949,5	847,5
1998	149,5	1.478,7	1.329,2
1999	132,9	1.496,8	1.363,9
1999	125,0	1.141,5	1.016,5
2000	112,2	1.244,5	1.132,3
2001	100,3	1.228,9	1.128,6
2002	106,0	1.227,8	1.119,8

Fonte: Banco Central

Econômica

Monitor Mercantil 3

Capital especulativo ainda financia contas externas

Para Marcelo Henriques de Brito, autor do livro *Crise e Prosperidade Comercial, Financeira e Política* (Probatas), a variação cambial explica “o nível mínimo dos juros e a dualidade mercado interno versus balanço de pagamentos”.

“A raiz do problema está nos compromissos internacionais, não apenas dívidas, mas royalties, fretes, etc.”, destaca Brito.

Além das exportações, os investimentos de curto pra-

zo no país têm ajudado a fechar o balanço de pagamentos. Em 2003, eles somaram US\$ 9,894 bilhões, contra US\$ 14,108 bilhões, no ano anterior.

“O atual modelo apenas atrai o capital especulativo, que se aproveita dos juros altíssimos contra 1% nos EUA e 1,5% na Europa”, observa o economista Maurício Dias David, que defende o controle de capitais.

“O modelo tem um efeito circular perverso e qualquer

ameaça de elevação dos juros internacionais leva o país ao desespero”, disse, acrescentando que a retração do mercado interno é outro desestímulo à entrada de investimento produtivo.

Já Brito considera a discussão em torno da renegociação da dívida externa e controle de capitais é mais política do que técnica. O mesmo raciocínio valeria, segundo ele, para a Área de Livre Comércio das Américas (Alca).